

## **A IMPRENSA BAIANA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O CONSERVADOR E AS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS**

Ediane Brito Andrade\*

**Resumo:** O início do século XX é marcado por um crescente número de jornais impressos em todo o país. Esse crescimento também é evidente em cidades do interior, tendo destaque em suas páginas publicações de cunho político e literário. Nessa perspectiva, objetiva-se, pois, no presente trabalho, apresentar um breve esboço sobre o papel da imprensa enquanto veiculadora de informações e de ideologias, assim como um espaço propício aos escritores no período referido. Para tanto, tomou-se para análise o periódico baiano *O Conservador*, o qual circulou na cidade de Nazaré - BA de 1912 a 1945. Sua leitura permite inferir que as publicações literárias não tinham o objetivo apenas de buscar reconhecimento, mas também de fazer ouvir a voz de uma minoria.

**Palavras-chave:** Mídia. Jornal Impresso. Publicações literárias. *O Conservador*.

### **1 INTRODUÇÃO**

A história da imprensa está diretamente ligada à história social, aos interesses políticos e econômicos, às manifestações hegemônicas, assim como às de resistência. Por meio dela difundem-se ideias, moldam-se pensamentos, disseminam-se ideologias. A este respeito, Sodré (1911, p. 01) pondera que

[...] o controle dos meios de difusão de ideias e informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e situações.

Sendo assim, desde o surgimento da imprensa<sup>1</sup> no Brasil, a mesma é marcada por processos de defesa de interesses e pela busca de poder – mesmo pelos grupos minoritários, quando começam a conquistar espaço nas *folhas*.

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Universidade do Estado da Bahia. Bolsista pela CAPES.

Diante disso, paralelamente ao crescente número de periódicos circulando pelo país a partir de meados do século XIX e no início do século XX, verifica-se também um fenômeno curioso, mas compreensível: o aumento de publicações literárias nos periódicos. Compreensível, uma vez que, dada a escassez de casas publicadoras, os jornais eram – além de veiculadores dos pensamentos políticos hegemônicos – um espaço viável para as publicações literárias, sobretudo nas regiões periféricas do país. Ou seja, nas demais capitais – excetuando-se Rio de Janeiro e São Paulo – e, de maneira ainda mais significativa<sup>2</sup>, nas cidades interioranas.

Na Bahia muitos eram os periódicos que circulavam, tendo maior destaque nas publicações algumas cidades do Recôncavo e a capital, Salvador. Nesta última, desde 1811 – quando toda publicação do país era rigidamente vistoriada pelo governo – a tipografia pertencente à família do negociante Manoel Antônio da Silva Serva propiciou a publicação de uma extensa gama de jornais impressos. Destaque-se que, nesse período, o monopólio político era indiscutível e isso, de certa forma, incitou a criação de outros jornais que atendessem aos interesses daqueles que não estavam no poder.

Sendo assim, surgem aos poucos muitas gazetas nas pequenas cidades do interior. Algumas com objetivo de se oporem ao governo vigente, outras com a finalidade de fazer circular publicações literárias, outras ainda com conteúdo humorístico. Dessa forma, no início do século XX, em cidades do Recôncavo – como Santo Antônio de Jesus, Amargosa, Nazaré, Cachoeira<sup>3</sup>, dentre outras – muitos periódicos buscavam se impor frente aos grandes que já circulavam pela capital. Jorge Calmon – no prefácio do livro *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia* (TAVARES, 2008) – afirma que dos 289 jornais que circularam na Bahia 64 foram impressos no interior do estado.

---

<sup>1</sup> Torna-se imprescindível destacar que até o início do século XIX a imprensa ainda não era "livre". Isto é, nada que fugisse do que preconizava o império podia ser veiculado. Somente a partir de meados do referido século começa a surgir, de maneira mais expressiva, jornais de oposição e resistência ao sistema vigente.

<sup>2</sup> O termo, neste caso, refere-se ao fato de que nas cidades do interior era ainda mais rara a existência de casas publicadoras.

<sup>3</sup> A cidade de Cachoeira destoa das demais citadas, uma vez que assumiu um papel fundamental na política desde 1823 quando nela é fundado o segundo periódico impresso do estado: o *Independente Constitucional*.

Nesta perspectiva, tomamos como foco de análise o periódico *O Conservador*, que circulou na pequena cidade de Nazaré – BA, no período de 1912 a 1945<sup>4</sup>. Por conseguinte, propõe-se, no presente trabalho, uma abordagem sobre o referido periódico discutindo a representatividade do mesmo enquanto espaço veiculador das produções literárias locais – as quais não obtiveram destaque para além das páginas amareladas da *folha* que as publicaram. Consideramos, pois, esse grupo de escritores e poetas como minorias literárias, vez que suas produções não tiveram atraídos para si os holofotes do reconhecimento. O que torna ainda mais latente, no período em estudo, o valor desse veículo de comunicação – o jornal – como via de circulação dos textos literários.

## 2 A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O CONSERVADOR

Estando em constante contato, na atualidade, com diferentes meios de veiculação de informações e fatos, pode parecer difícil imaginar uma sociedade que dependa, sobremaneira, dos jornais impressos. Todavia, essa é uma realidade não muito distante no Brasil, visto que, até meados do século XX, esse era um dos principais meios de circulação de informações<sup>5</sup>. Não se pode perder de vista que esses periódicos constituíam, também, uma via de circulação e imposição das ideias políticas hegemônicas.

Nesse sentido, Sodré (1911) afirma que o "alvorecer do século XX" é marcado por um intenso processo de crescimento capitalista no país e isso define uma imprensa pouco preocupada com as questões do país, mas centrada em interesses particulares – de pessoas ou grupos. E isso inclui também os literatos, sedentos ora por fama, ora por dinheiro, ora por difusão de ideias políticas – ainda que esta última em menor escala nesse período, segundo o autor supracitado.

---

<sup>4</sup> Há discrepância de informações quanto ao tempo de vigência do periódico. Em Scarante (2008) encontramos a data de 1942 como o último ano de circulação do mesmo, mas foram localizados exemplares de 1945. Isso se deve, segundo o professor Lamartine Augusto (historiador e morador da cidade de origem do periódico – Nazaré – BA) ao fato de que *O Conservador* teve momentos de instabilidade, sendo que em 1942 não publicou o ano inteiro. Em 1945 ele volta a publicar regularmente, inclusive por conta da proximidade das eleições de 1947.

<sup>5</sup> Obviamente, também o rádio tem um papel singular. No entanto, não constitui objeto de estudo do presente trabalho, vez que propomos tratar apenas da mídia impressa, mais especificamente do jornal.

Faz-se necessário destacar, também, que o surgimento dos periódicos locais está atrelado ao fato incontestável de que os interesses dos jornais de massa, ditos como nacionais, nem sempre (para sermos modestos) atendiam aos interesses de todos. Afinal, conforme ressalta Milton Santos (In: TAVARES, 2008, p. 182):

[...] nem todo o jornal editado na capital da República será nacional. [...] Muitos serão somente locais, já que atendem a uma área não diremos especial, mas a uma área restrita de interesses ou solicitações que lhe reduzem as possibilidades de expressão.

Havia, portanto, a necessidade de periódicos que pudessem atender às exigências locais; que se preocupassem com os acontecimentos cotidianos. Daí o surgimento de tantos periódicos nas cidades nesse período. A este respeito encontramos no *O Conservador* duas publicações que retratam a experiência de crescimento da imprensa em Nazaré: *As gazetinhas do meu tempo*, de Ceciliano Sousa (1918) e *Na troça XXVII* (1918), de Zé Pangolin, pseudônimo de Anísio Melhor:

Nazareth civilisa-se, bem feito!  
Quem não gosta de imprensa está doente,  
Sete folhas, (a conta) está direito!  
Talvez até que a coisa ainda aumente  
[...]  
Sete folhas... gazeta com fartura,  
Noticias florilegios e figura  
Versos, troças, namoros e chroniquetas...

Postilhões lá se vão, ninguém recua:  
A nuvem de gazetas enche a rua:  
São gazetas, gazetas e gazetas...  
(MELHOR, 1918)

Tais periódicos apresentavam assuntos de interesses gerais (como notícias sobre a política nacional ou mesmo sobre a guerra). Mas, além disso, tratavam de questões locais: como a criação de uma escola, a apresentação de um sarau, a morte de conhecidos, etc. O que nos permite perceber muitos aspectos da vida social e cultural da(s) sociedade(s) neles retratada(s). Afinal,

[...] devido à proximidade com condições sociais em que surgiram, os textos populares da mídia [e neles estão inclusos os populares publicados em jornais impressos] constituem um acesso privilegiado às realidades sociais de sua era; assim, a sua interpretação possibilita a compreensão daquilo que está acontecendo [ou aconteceu] de fato em uma determinada sociedade em um dado momento. (KELLNER, 2001, p. 143, grifo nosso).

E isso pode ser percebido através da leitura do *O Conservador*, o qual nos fornece pistas sobre a organização da Bahia, de maneira especial do Recôncavo baiano. Assim como nos permite notar o papel que os periódicos desempenhavam enquanto mídia veiculadora de fatos, opiniões e informações, ou mesmo como *loco* de publicações literárias locais. Conheçamos, pois, um pouco de sua história e de seu papel enquanto difusor de ideias, de costumes e tradições por meio de textos dos mais diversos gêneros, entre os quais os de natureza literária.

## 2.1 O CONSERVADOR: LOCO DE ALGUNS AUTORES BAIANOS

*O Conservador*, como o próprio nome sugere, pertencia ao Partido Republicano Conservador. A publicação semanal foi fundada na cidade de Nazaré – BA em 05 de maio de 1912, por Militão Santos, Edgard Mata e Anísio Melhor e trazia no topo da página a informação: "*Orgam do Partido Conservador*", conforme pode se ler na Figura 1.



**Figura 1:** Fotografia do *O Conservador*, 1912.

Somente em 1917<sup>6</sup> o subtítulo dá lugar a "*semanário, noticioso, litterário e popular*". Essa mudança não implica em um desligamento ao partido, mas em uma maior abertura às

<sup>6</sup> A fim de não cometer equívocos, é mister ponderar que os exemplares veiculados nos anos de 1913 a 1916 não foram localizados (nem nos arquivos da capital, Salvador, nem dos da cidade de origem do periódico – Nazaré

produções literárias e aos acontecimentos corriqueiros da cidade – e dos locais circunvizinhos. Isso nos faz lembrar Moroni e Ruas (2006, p. 25), ao afirmarem que

[...] ao olharmos para as comunidades do interior, principalmente das pequenas cidades, reconhecemos que o jornalismo não pode ficar apenas na realidade macro, não discutindo o dia-a-dia e as especificidades e características próprias de cada região e local.

Reafirma, portanto, as razões que justificam o surgimento e crescimento de jornais locais.



**Figura 2:** Fotografia do *O Conservador*, 1917.

As colunas da primeira página do *O Conservador* eram, nesse turno, inteiramente dedicadas às questões políticas, não só da Bahia, mas do Brasil e do mundo – lembrando que se tratava de um período de guerra, fato que rendia muitas discussões e diferentes pontos de vista. Sendo assim, no ano de fundação do periódico, poucos são os textos literários que aparecem na primeira página – fato já superado em 1917.

A partir do referido ano, nota-se uma grande produção literária ocupando não apenas colunas da segunda página, mas também da primeira. Os textos versam sobre assuntos vários, sendo os gêneros mais recorrentes: crônicas, contos, sonetos, baladas, romances, artigos e crítica literária. Cumpre, portanto, listar os nomes dos autores identificados nos exemplares de 1912 e 1917–1920. Destacamos, pois: Anísio Melhor<sup>7</sup>, Antônio Ferreira Santos<sup>8</sup>, Flávio José, Antônio Dantas Trindade, Honorina Galvão, Joaquim Imbiruçu, Ceciliano Souza e Edith

– BA). Por conseguinte, é possível que a mudança no *slogan* do periódico tenha ocorrido antes de 1917, embora não possamos afirmar categoricamente, já que não temos em mão o documento que comprove isso.

<sup>7</sup> Os textos deste autor, publicados no periódico em questão, constituem o corpus do projeto que ora desenvolvemos no mestrado, no qual é realizada a edição dos textos e um estudo do vocabulário.

<sup>8</sup> Ferreira Santos e suas obras foram objetos de estudo que resultou num Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Da vida, de Antônio Ferreira Santos: uma proposta de edição**.

Costa. Destes, tem um número mais expressivo de publicações Anísio Melhor, Antônio Ferreira Santos, Joaquim Imbirucú<sup>9</sup> e Ceciliano Sousa.



**Figura 3:** Fotografia de Antônio Ferreira Santos e Anísio Melhor, respectivamente.

Essa vasta gama de publicações literárias divide opiniões quanto aos interesses dos escritores ou mesmo quanto à legitimidade das obras, visto que muitos se inspiravam em modelos europeus – o que não se tratava de excepcionalidade, mas de algo comum no período em análise. No entanto, parece plausível a consideração de Pedro Calmon, (In: TAVARES, 2008, p. 185), ainda que seja um tanto poética:

[...] a imprensa e a literatura completam-se, com a circunstância de que não houve escritor destro sem passagem acidental ou prolongada pelo jornalismo; como se disséssemos, no ninho escasso das folhas despontam as asas logo emplumadas para o rasgado vôo das inteligências mais férteis e dos espíritos mais altos do mundo literário.

Não nos parece, entretanto, que seja apenas a inteligência que tenha definido quais eram os bons escritores: trata-se de uma questão, ao mesmo tempo antiga e atual, que diz respeito à segregação sempre existente em todas as esferas sociais (como se – com algumas ressalvas – pudesse ser dito que tiveram maior destaque os que tinham melhores contatos).

---

<sup>9</sup> Este autor tem sido objeto de estudo de Nair Caroline dos Santos Ramos que em 2014 apresentou ao Curso de Letras da UNEB o seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Sonetos de Joaquim Imbirucú em *O Conservador*, sob a ótica da filologia.

A despeito disso, não se pode negar que a relação entre literatura e imprensa trazia a vantagem de, em muitos casos, o autor representar "a voz do povo". Acerca dessa questão, tratando do anonimato ao escrever um artigo, Calmon (Idem, p. 195) profere:

Ah! O privilégio de não assinar o artigo; de o fazer voltar solto e ligeiro nos espaços livres; de imaginar que o subescrevem as massas com quem conversamos, e em vez de ser o monólogo para a platéia desinteressada, é o largo diálogo do rapaz ausente com a presença de uma população inteira! Sai da cena o indivíduo; invade-a a sociedade.

Há, por conseguinte, a representação de uma minoria – o povo que geralmente *não tem voz* – que se faz, pelo autor, maioria.

Nesse sentido, o aumento do número de periódicos pode significar à população local maior possibilidade de se ver representada nas folhas dos mesmos. O que corrobora com a ideia de que o jornal impresso era, nesse tempo, um espaço propício para fazer circular informações, mas também para dar lugar à criatividade dos jovens escritores, muitas vezes sequiosos por falar ao povo<sup>10</sup> de maneira comovente.

A partir disso, é possível afirmar que as produções literárias nos periódicos de circulação local não eram um modismo, apenas. Eram, sim, uma tentativa de um grupo minoritário de escritores de buscar reconhecimento e de mostrar que à margem das produções veiculadas nacionalmente havia produções tão boas quanto aquelas, mas que, infelizmente, não eram lidas. Além disso, era uma forma possível de retratar os costumes locais, situados entre o sertão e o litoral, entre o rural e o urbano, entre o progresso e o "retrógrado".

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A despeito das múltiplas transformações pelas quais passam os mais diversos veículos midiáticos na atualidade, não podemos ignorar aqueles que, embora hoje sejam considerados rústicos<sup>11</sup>, contribuíram para a história e formação do modelo social existente.

---

<sup>10</sup> Não temos com essa afirmação a pretensão de sugerir que o povo, de maneira geral, tivesse acesso à leitura dos exemplares, visto que a maioria da população era analfabeta. Contudo, reconhecemos o caráter de retratação dos problemas sociais da comunidade local descritos em muitos dos textos literários localizados no periódico *O Conservador*.

<sup>11</sup> Levando em conta as facilidades e a convergência midiática imposta, sobretudo, pela internet, os jornais impressos são vistos como meios mais lentos de circulação de informação.



Nesse sentido, conhecer o papel desempenhado por jornais locais na Bahia – neste caso, especialmente em Nazaré – BA – é uma forma de compreender a sociedade da época, a sua maneira de pensar e de perceber o mundo circundante.

Ainda que os jornais impressos no início do século XX fossem os principais veiculadores da ideologia dominante, muitos deles foram constituídos e constituíam-se tendo por base a resistência. Além disso, muitos escritores encontraram aí o espaço profícuo para verem lidas suas produções literárias. E como a maioria não chegou a publicar suas obras, jamais teríamos acesso às mesmas, não fosse essa abertura das gazetas.

Nessa perspectiva, podemos afirmar a importância desses periódicos para a população local. Contudo, a partir do estudo empreendido com o periódico *O Conservador*, ponderamos a necessidade de outras pesquisas que visem reconstituir o percurso da imprensa no interior da Bahia, em cidades que ainda não foram analisadas neste tocante, ou mesmo que outros pesquisadores lancem outros olhares sobre o jornal ora analisado.

## REFERÊNCIAS

CALMON, Jorge. A imprensa e a literatura. p. 185-198. IN: TAVARES, Luiz Guilherme Pontes (org.). **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2 ed. rev. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

MORONI, Benedito de Godoy; RUAS, Reinaldo Lázaro. **Jornalismo regional: o jornal Correio do Porto, 6º aniversário**. Presidente Epitácio: Gráfica Epitaciana, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul: terra, homens, economia e poder no século XIX**. Salvador: UNEB, 2002.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. p. 177-184. IN: TAVARES, Luiz Guilherme Pontes (org.). **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2 ed. rev. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.